



DEUS E A RAZÃO DE VIVER

Pela graça infinita de Deus, paz!

Balthazar, pela graça de Deus.

Conversarmos sobre Deus é o mesmo que meditarmos com bastante profundidade acerca da razão de viver.

Sendo Pai, Deus não trará para os seus filhos senão o que os mesmos possam suportar. (...)

Assim, quando pensarmos em Espírito imortal, quando pensarmos nas chamadas penalidades aplicadas àqueles que erram, que fazem errar, ou mesmo àqueles que deliberadamente deixam de progredir ou de ajudar o semelhante, deveremos pensar que Deus, o Pai, corrigirá todas essas situações e melhorará todas essas pessoas, na medida da sua bondade e na medida que seu amor oferece.

Não pensemos, assim, num Deus arbitrário, injusto ou mesmo infeliz ao ponto de provocar sofrimento aos outros. Ao contrário, pensemos sempre num Deus que nos dá aquilo de que precisamos para corrigir ou mesmo para transformar o que existe em nós.

Dores, sofrimentos, angústias, lutas, enfim, todo esse enorme contingente de energias que visitam a sociedade terrena, de forma individual ou coletiva, só é possível em função do sentimento que Deus permite acontecer.

(...) Não há dores maiores ou menores para ninguém, porque Deus dá a cada um segundo as suas necessidades. Não há sofrimentos que não se possam suportar também, uma vez que a bondade de Deus continua zelando pela imparcialidade, e o mesmo acontecerá com todos os outros fatos da vida.

Isso tudo nos transporta naturalmente para um outro estágio: o estágio da continuidade da vida fora do corpo terreno. (...) E assim, não podemos em momento algum nos esquecer de que há continuidade da vida: há continuidade de bênçãos, como há continuidade daquilo que se chama de penas para o homem. Isto acontece porque numa única vida não se corrigem todos os defeitos, não se pagam todas as penas, não se sofrem todas as dores necessárias ao progresso.

Assim, prezados irmãos, pensem em Deus como Pai, como Condutor de tudo e de todas as coisas, mas pensem também na vida contínua; não apenas numa única encarnação, mas em tantas encarnações quantas forem necessárias para que o homem alcance o seu progresso. (...)

Balthazar, pela graça infinita de Deus.

Paz!

Do livro: *Pela Graça Infinita de Deus*. CELD

Médium: Altivo C. Pamphiro

Estudo: *O Livro dos Espíritos* – Quarta Parte – Cap. II – “Penas e Gozos Futuros”, questões 963 a 968

INTERVENÇÃO DE DEUS NAS PENAS E RECOMPENSAS

963. Deus se ocupa, pessoalmente, com cada homem? Não será ele muito grande e nós muito pequenos para que cada indivíduo, em particular, tenha, aos seus olhos, alguma importância?

“Deus se ocupa com todos os seres que criou, por menores que sejam; para sua bondade, nada é pequenino.”

964. Deus necessita ocupar-se com cada um dos nossos atos, para nos recompensar ou nos punir? E, na sua maioria, esses atos não são insignificantes para ele?

“Deus tem suas leis que regulam todas as vossas ações: se as violais, a culpa é vossa. Sem dúvida, quando um homem comete um excesso, Deus não profere um julgamento contra ele, para lhe dizer, por exemplo: foste guloso, vou punir-te. Mas ele traçou um limite; as doenças e, frequentemente, a morte são a consequência dos excessos. Eis a punição: é o resultado da infração da lei. O mesmo se dá com todas as coisas.” (...)

NATUREZA DAS PENAS E GOZOS FUTUROS

965. As penas e os gozos da alma, após a morte, têm alguma coisa de material?

“O bom senso o diz: não podem ser materiais, visto que a alma não é matéria. Essas penas e esses gozos nada têm de carnal e, entretanto, são mil vezes mais vivos do que os que experimentais na Terra, porque o Espírito, uma vez desligado, é mais impressionável; a matéria não embota mais as suas sensações.” (Ver questões 237 a 257.)

966. Por que o homem faz uma ideia, frequentemente, tão grosseira e tão absurda das penas e dos gozos da vida futura?

“Inteligência que ainda não se desenvolveu o bastante. A criança compreende como um adulto? Além disso, depende também do que lhe ensinaram: aí é que há necessidade de uma reforma.

Vossa linguagem é muito incompleta, para exprimir o que está fora de vós; então, teve-se que recorrer a comparações e são essas imagens e essas figuras que tomastes como realidade; porém, à medida que o homem se esclarece, seu pensamento compreende as coisas que sua linguagem não pode expressar.”

967. Em que consiste a felicidade dos bons Espíritos?

“Em conhecer todas as coisas; em não ter ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem qualquer das paixões que fazem a infelicidade dos homens. O amor que os une é para eles uma fonte de suprema felicidade. Não experimentam as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material; são felizes pelo bem que fazem; de resto, a felicidade dos espíritos é sempre proporcional à elevação deles. Na verdade, somente os puros Espíritos gozam da felicidade suprema, mas nem todos os outros são infelizes; entre os maus e os perfeitos, há uma infinidade de graus, em que os gozos são relativos ao estado moral. Os que estão bastante adiantados compreendem a felicidade dos que os precederam e a ela aspiram, porém este é um tema de emulação para eles e, não, de ciúme; sabem que depende deles chegar lá e trabalham com este objetivo, mas, com a calma da consciência tranquila, e são felizes por não terem que sofrer o que os maus suportam.”

968. Coloqueis a ausência das necessidades materiais, entre as condições da felicidade para os Espíritos; mas, a satisfação dessas necessidades não representa, para o homem, uma fonte de gozos?

“Sim, os gozos do animal; e, quando não podes satisfazer essas necessidades, é uma tortura.”